

FUTEBOL E MERCADO EM BELO HORIZONTE: O PROFISSIONALISMO E A CONSTRUÇÃO DO MINEIRÃO (1933- 1965)¹

Sarah Teixeira Soutto Mayor²

Georgino Jorge de Souza Neto³

Resumo: O presente estudo objetiva discutir a constituição de um mercado futebolístico na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os anos de 1933 e 1965, por meio da análise de periódicos. O marco inicial designa o estabelecimento do regime profissional no futebol na cidade, já o marco final representa a construção do maior estádio do estado, o Mineirão. A profissionalização do esporte foi perseguida como possibilidade de alçar o progresso e a adiantamento que se vislumbrava em outras capitais. Nesse ínterim, a edificação do “Gigante da Pampulha” foi resultado de um insistente processo de adequação dos espaços esportivos da cidade à “modernidade” prometida pelo novo regime.
Palavras-chave: Futebol; Mercado; História.

Football and market in Belo Horizonte: professionalism and the construction of Mineirão (1933-1965)

This study aims to discuss the constitution of a football market in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, between the years of 1933 and 1965, through the analysis of newspaper reports. The initial mark designates the establishment of the professional regime in football in the city, and the final mark represents the construction of the largest stadium in the state, Mineirão. The professionalization of the sport was pursued as a possibility to increase the progress and the advance that was seen in other capitals. In the meantime, the construction of the "Pampulha Giant" was the result of an insistent process of adapting the city's sports spaces to the "modernity" promised by the new regime.
Keywords: Football; Market; History.

Fútbol y mercado en Belo Horizonte: el profesionalismo y la construcción del Mineirão (1933-1965)

Este estudio objetiva discutir la constitución de un mercado futbolístico en la ciudad de Belo Horizonte, Minas Gerais, entre los años 1933 y 1965, a través del análisis de periódicos. El marco inicial designa el establecimiento del régimen profesional en el fútbol en la ciudad, ya el marco final representa la construcción del mayor estadio del estado, el Mineirão. La profesionalización del deporte fue perseguida como posibilidad de alzar el progreso y el adelantamiento que se vislumbraba en otras capitales. En el ínterin, la edificación del "Gigante de la Pampulha" fue resultado de un insistente proceso de adecuación de los espacios deportivos de la ciudad a la "modernidad" prometida por el nuevo régimen.

¹ Este texto é fruto de uma escrita preliminar que visa unir dados e problematizações de duas teses de doutorado: “O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940” (SOUTTO MAYOR, 2017) e “Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada” (SOUZA NETO, 2017).

² Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora – Campus Governador Valadares – MG. E-mail: sarahsoutto@gmail.com. Governador Valadares/MG - Brasil

³ Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Montes Claros – MG. E-mail: netogeorgino@gmail.com. Montes Claros/MG – Brasil.

Palabras clave: Fútbol; Mercado; Historia.

Introdução

Este artigo objetiva discutir as circunstâncias que permearam a constituição de um mercado de entretenimento/esportivo em torno da presença do futebol na cidade de Belo Horizonte, entre os anos de 1933 e 1965. O recorte temporal inicial foi demarcado pela implantação do profissionalismo (embora as discussões sobre este processo já se fizessem fortemente presentes no início da década e de forma incipiente na década anterior). Já o marco final da investigação foi delimitado pela construção do Mineirão, o maior estádio mineiro, que representou, finalmente, o alcance de grande parte dos anseios dos atores que compunham o cenário futebolístico da capital.

O Estádio Governador Magalhães Pinto (conhecido popularmente por Mineirão) constituiu-se simbolicamente como um importante espaço identitário da cultura futebolística mineira, haja vista que nas décadas referidas, o futebol já havia logrado grande importância nos costumes da população cidadina. A paixão clubística já era uma realidade, de forma que as modificações e demandas cunhadas pelo avançar de um mercado esportivo (no caso deste estudo, a profissionalização e o soerguimento de grandes estádios) não se restringiam apenas ao plano estrutural, mas impactavam diretamente os costumes dos sujeitos envolvidos com a prática (torcedores, jogadores, dirigentes, jornalistas, dentre outros).

As primeiras décadas do futebol em Belo Horizonte não fogem a alguns aspectos comuns da chegada desta modalidade em outros locais, notadamente as grandes cidades brasileiras: controle da prática institucionalizada condicionada a uma esfera da elite local; produção de novos hábitos de divertimento, associados à lógica da modernidade e seus valores e atributos; e a ideia do cenário esportivo como composição de uma “festa distintiva”. No entanto, logo este panorama começou a se alterar, a partir da rápida popularização do futebol e da perspectiva de incremento de um mercado esportivo que se apropriava dos benefícios (políticos, econômicos e também simbólicos) advindos da “paixão futebolística”.

Muitos indícios corroboram para este entendimento, tais como: criação de entidades representativas; organização dos primeiros campeonatos e surgimento de uma rivalidade forjadora da identidade de pertença; criação e melhoria de uma primeira estrutura própria para a prática; e instituição de uma relação com setores da economia e da política mais demarcada.

A premente necessidade de adequar a sua estrutura esportiva (no caso, futebolística) ao nível de “adiantamento” vislumbrado especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo (centros com os quais partilhava certa proximidade geográfica, mas uma exponencial distância em termos de desenvolvimento econômico e social) foi uma das forças propulsoras para a adoção do profissionalismo que, em uma de suas vertentes (provavelmente a principal), possibilitaria (assim se acreditava) o incremento das atividades comerciais que já se faziam presentes no futebol da capital mineira.

Vislumbrava-se, em um plano prático, a ampliação do público torcedor/consumidor e o consequente aumento das rendas dos jogos, a interrupção do êxodo de jogadores e a criação e reforma de estádios nos moldes dos que já haviam sido construídos nas cidades supracitadas; dentre outros fatores que impactariam direta ou indiretamente o espetáculo esportivo, como o aumento da segurança e do conforto. Em um plano simbólico, a adoção do profissionalismo, acompanhada das mudanças mencionadas, era veiculada como uma possibilidade de se obter o prestígio das outras capitais da região, no intento de Belo Horizonte tornar-se, assim, também uma referência nacional.

Porém, após os anos subsequentes à implantação do novo regime, as promessas até então veiculadas pela imprensa e pelos representantes dos mais importantes clubes da cidade não se efetivaram como o desejado. Esta não resolução dos problemas que afetavam o futebol mineiro se evidenciava nos discursos produzidos para legitimar a construção dos dois maiores estádios do estado: o Independência (1950) e o Mineirão (1965). Em ambos, a narrativa da imprensa (que reverberava também os anseios dos gestores, torcedores e sujeitos afeitos ao espetáculo futebolístico) reforçava a premente necessidade de estádios que concorressem com outras praças esportivas e que atendessem à crescente exigência do mercado do futebol, como atração de público cativo aos jogos (essa lógica girava em torno do quantitativo, mas obviamente se atrelava a demandas correlatas, como conforto dos torcedores e aumento da renda). Apenas com a inauguração do Mineirão este processo se arrefece (ao menos naquele instante), quando a “modernidade à carioca” parece ser alcançada, com a presença portentosa do “Maracanã de Minas”.

As questões mencionadas foram problematizadas por meio da seleção e da análise de fontes periódicas (jornais e revistas), que circularam tanto na capital mineira, quanto nas cidades do Rio de Janeiro e de Buenos Aires⁴, privilegiando o momento posterior à implantação do profissionalismo em Belo Horizonte e a construção do estádio Mineirão.

O progresso do movimento sportivo de Minas Geraes⁵: da gestação embrionária do mercado sportivo em Belo Horizonte

A passagem de uma prática esportiva mais conectada com um estrato privilegiado da sociedade, com sentido de uma festa social distintiva, para uma outra dimensão, atrelada à lógica de um mercado gestor do universo sportivo e futebolístico, pode ser percebida de maneira mais pontual ao longo da segunda década do século XX. É neste momento, por exemplo, que se localizam as primeiras notícias estampadas nos periódicos tratando de partidas de futebol com cobrança de ingressos, e mais do que isso, para setores diferenciados de público. A primeira referência a esta

⁴ A opção pela escolha de reportagens oriundas da imprensa da capital argentina deu-se pela percepção da existência de menções recorrentes ao futebol deste país, especialmente como exemplo de progresso. A escolha de fontes da capital federal deu-se pelo mesmo motivo, acrescentando-se o fato de que foram localizados diálogos importantes entre as imprensas das duas cidades.

⁵ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

prática, com discriminação de valores e lugares, é encontrada no periódico *Minas Geraes*, que destacava:

Realisa-se hoje, a 1/30 da tarde, o “match” de “foot-ball”, havendo grande interesse para essa lucta, na qual tomam parte varios moços das principais familias e alumnos das escolas superiores. [...] O preço das entradas será o seguinte: geraes, 1\$000; archibancadas, 2\$000. Não haverá entradas de favor⁶.

Distinguir os espaços de pertencimento do espetáculo esportivo se tornava uma característica marcante do mercado que regulava a prática do futebol na capital. O alcance do lucro agia tentacularmente, buscando atingir sujeitos advindos de classes sociais diferenciadas. Os preços demarcavam o lugar dos indivíduos presentes no campo de jogo⁷.

Além de destacar os valores cobrados, a nota indicava, também pela primeira vez, a divisão de setores no “ground” do Prado Mineiro. As geraes, mais baratas, determinavam os lugares menos privilegiados, com a assistência permanecendo em pé todo o tempo. Diferentemente, as arquibancadas representavam os lugares mais cômodos, onde as pessoas podiam assistir às partidas sentadas mais confortavelmente, sob a sombra de uma cobertura. Havia assim, uma demarcação de lugares e de pertencimentos que se projetava no tempo livre dos partícipes das vivências. Elementos distintivos que, como pondera Bourdieu (2007, p.212) existiam “na e pela relação, na pela diferença”.

O jornalista carioca Mário Filho, em uma passagem do seu livro “O Negro no Futebol Brasileiro”, assim narra a relação que se dava entre a geral e a arquibancada, nos primeiros indícios deste movimento:

A boa ordem social das casas de família. Cada um no seu lugar, até os parentes pobres. A geral de um lado, a arquibancada do outro, no centro do campo, os jogadores correndo. Correndo mais para quem estava na arquibancada do que para quem estava na geral (MÁRIO FILHO, 2003, p. 41).

No entanto, a criação de entidades representativas oficiais, para regulamentação e controle do movimento esportivo, significa o mais importante indício de uma primeira organização em torno das práticas, possibilitando a forja de um mercado em sua órbita, que se alimentaria do incremento das rivalidades clubísticas e das competições oficiais.

O corte definidor de uma nova etapa da cultura esportiva em Belo Horizonte se dá em 1915, com a criação da *Liga Mineira de Sports Athleticos*. A entidade cria as bases para um novo modo de apropriação das práticas atléticas, estabelecendo parâmetros palpáveis para o desenvolvimento mais acentuado do esporte na cidade.

Outros elementos também contribuíram para o inicial desenvolvimento do fenômeno esportivo/futebolístico na capital mineira. Um deles pode ser percebido na constituição de uma imprensa especializada. O

⁶MINAS Geraes. Belo Horizonte, 14-15 ago. 1916. Seção Festas e diversões, p. 7.

⁷ A título de comparação, 1\$000 seria valor suficiente para comprar uma dúzia de ovos, que à época custava \$800; com 2\$000, o valor para ingressar às *archibancadas*, o assistente poderia adquirir, com troco, um quilo de peixe, ao valor de 1\$400. Como se vê, a participação nas festas esportivas tinha um custo apropriado para cada estrato social.

Foot-Ball, em 1917, e *O Treno*, em 1918, surgiam no cenário da imprensa belorizontina, acreditando no desejo dos *sportmen* da cidade de ver exposto o universo desportivo que se consolidava.

Já na sua primeira edição, o jornal *O Foot-Ball* se atentava para questões ligadas ao desenvolvimento do esporte, bem como para ações necessárias ao fortalecimento do campo esportivo, já pensado como um promissor mercado associado ao discurso das experiências modernas. Em uma nota intitulada “A necessidade de um campo”⁸, afirmava-se que “entre as questões que reclamam solução urgente nos ‘matches’ de ‘football’ está por sem dúvida, a dos campos”. Ao cobrar a construção de mais campos de futebol, o periódico levava em consideração o fato do “Prado”⁹ ser o único, nesta capital, que oferece maiores comodidades aos espectadores”. Acrescentava, ainda, que seria “esta uma questão de alta gravidade e que se impõe como necessidade orgânica do football”.

Os últimos anos da década de 1920 exacerbavam a experiência espetacularizada do futebol e refletiam ocorrências singulares do fenômeno esportivo, tais como a construção de estádios consideravelmente maiores e melhores¹⁰; o consumo de marcas e símbolos instituídos em concursos, a exemplo da eleição da “Rainha dos Sports”¹¹ e o “Concurso Monroe”¹²; a constituição de símbolos identitários (como o hino e as mascotes); e ainda, a enorme massa de sujeitos que vivia (e consumia) intensamente o dia-a-dia deste esporte.

Um dos passos seguintes seria a profissionalização do futebol, que provocaria mudanças ainda mais profundas e radicais, a reboque do processo que vinha se dando nas principais praças esportivas do país, forçando um debate que se mostraria fundamental para a história do futebol mineiro.

A profissionalização em Belo Horizonte: “os mineiros aderirão”?

⁸ O FOOT-BALL. Belo Horizonte, p.1, 13 set. 1917.

⁹O *Prado Mineiro* refere-se ao hipódromo inaugurado em Belo Horizonte, no ano de 1906. Originalmente construído para o turfe, após a sua falência em 1911 o espaço é apropriado pelo futebol local, que utiliza das suas instalações e o adapta para aquele que seria então o primeiro estádio da cidade.

¹⁰ Tratamos aqui dos estádios do América (um erguido em 1923 e o outro em 1928, conhecido como “Alameda”- reformado em 1948 com a prevalência do nome “Otaçílio Negrão de Lima”); do Palestra Itália (em 1923, conhecido como “Estadinho do Palestra”, e após sua reforma, em 1945, nominado estádio “Juscelino Kubistchek); e do Atlético Mineiro (inaugurado em 1929 com a denominação de estádio “Antonio Carlos”).

¹¹ O início do ano de 1927 trouxe um acontecimento que iria impactar toda a cidade de Belo Horizonte, mobilizando milhares de pessoas em torno dele. Talvez sequer o próprio periódico, “Correio Mineiro”, não imaginasse o sucesso que alcançaria o concurso instituído por ele, denominado “Rainha dos Sports”. A idéia era relativamente simples e consistia na escolha de uma das senhorinhas representantes dos principais clubes de futebol da Capital. A mais votada, ao final da promoção, obteria o título. Os clubes ofereciam os nomes de suas “Rainhas”, escolhidas por critérios diversos. Destarte, havia as “Rainhas do Atlético”, as “Rainhas do Palestra”, do América e assim por diante.

¹²Explicado pelo reclame do próprio jornal: “GRANDE CONCURSO NACIONAL MONROE – Os fumantes dos afamados cigarros da CIA. VEADO vão eleger o leader dos foot-ballers do Brasil, votando no Grande Concurso Nacional “Monroe”, instituído por aquela Companhia e patrocinado pelo Diário da Noite, do Rio, Diário de São Paulo, Estado de Minas, de Belo Horizonte” (ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 06, 02 jan. 1930).

Em janeiro de 1933, após longos debates acerca da questão amadorismo-profissionalismo, quatro clubes da cidade do Rio de Janeiro resolveram criar a Liga Carioca de Foot-Ball, sinalizando sua adesão ao novo regime. Vasco, Fluminense, Bangu e São Cristóvão instituíram, assim, o que pode ser considerado o primeiro órgão gestor do regime profissional no país e, em consequência, o primeiro torneio de equipes com jogadores regularmente remunerados. Pouco tempo depois, o Flamengo também adere à Liga e, mesmo com a falta de apoio da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), que ainda se mantinha amadora, os jogos entre estes e outros clubes seguiriam regularmente, demonstrando, já naquele momento, um caminho sem volta¹³. Esse instante demarca mais pontualmente, em solo brasileiro, a passagem (ainda que não linear) da prática enquanto “diversão amadora” para a prática profissionalizada. Outras reivindicações de autoridade e de legitimidade entravam jogo (ALABARCES, 2007).

As influências de países que já haviam adotado o futebol remunerado legalizado e que, especialmente, arrematavam jogadores brasileiros em um nível demasiado crescente, impactariam na decisão final de adoção do regime profissional em solo brasileiro. Itália e Argentina eram os principais centros que importavam jogadores naquele momento e, por esta razão, estampavam a maior parte das notícias que se dedicavam à temática.

As reportagens sobre a Argentina, que adotou o regime profissional em 1931¹⁴, tornaram-se muito frequentes, possivelmente pela proximidade territorial e pelas investidas cada vez mais agressivas de seus principais clubes na busca de jogadores brasileiros. A adoção do regime no país vizinho criou um amplo debate no impresso carioca *Jornal dos Sports* e, posteriormente, no jornal mineiro, *Estado de Minas*.

Para um dos cronistas da revista argentina *El Gráfico*, apoiador entusiástico do novo regime, o futebol amador “nobre, cavalheiresco” e desinteressado” era já uma utopia, “nada mais do que um sonho irrealizável”, pois o movimento das bilheterias e a mercantilização do jogo haviam absorvido todos os lirismos¹⁵.

O *Jornal dos Sports* publicou uma série de reportagens sobre a implantação do profissionalismo na Argentina. Em uma delas, a discussão se centrava na regulamentação do regime como forma de combater um “amadorismo disfarçado”.

Não é somente uma suspeita da opinião pública nem uma descoberta do jornalismo. Os dirigentes o declaram à viva voz. Por

¹³ A ação pioneira destes clubes seria responsável por um dos maiores dissídios da história futebolística carioca, que perduraria entre os anos de 1933 e 1937 e que impactaria o reconhecimento do profissionalismo em todo o país (DRUMOND, 2015)¹³. Somente em 1937, a CBD resolve aceitar o novo regime, momento que também é demarcado pela adesão do Botafogo. Damo (2007, p.74) sinaliza que os embates envolvendo o profissionalismo e o amadorismo se fizeram presentes desde a fundação dos primeiros clubes e ligas de futebol, “embora o profissionalismo viesse a ser adotado oficialmente apenas nos anos 1930”.

¹⁴ Sobre a profissionalização na Argentina ver Alabarces (2007) e Frydenberg (2011).

¹⁵ CHANTECLER. La revolución de los jugadores porteños de fútbol. *El Gráfico*, 18 de abr. 1931, n.614, pp.16-17, tradução dos autores.

sua parte, os jogadores não negam o que vêm recebendo nem tampouco o que pretendem [...]. É este um assumpto theoreticamente liquidado. Não existe um só delegado que possa demonstrar que na actualidade, o regimen de vida implantado para a organização e manutenção das 'equipes' do circulo superior, se mantem dentro das exigencias para o 'verdadeiro amadorismo'¹⁶.

Poucos dias após a publicação desta reportagem, o periódico carioca noticiou a fundação da Associação Argentina de Football Profissional, “devendo a sua primeira directoria ser eleita na sessão que se realizará amanhã”¹⁷. A data de 11 de maio de 1931 é demarcada pela revista *El Gráfico* como momento em que se cria a nova liga de profissionais, após uma reunião entre dirigentes de clubes de Buenos Aires¹⁸.

A veiculação frequente dos beneficios do profissionalismo em solo argentino, comumente expressos por estatísticas de rentabilidade, pode ser considerada parte importante dos mecanismos discursivos de convencimento acerca da necessidade de se realizar a mesma experiência no Brasil. Os exemplos são enfáticos no que tange às benesses do novo regime, mencionado como uma fonte diversificada de receitas.

Os clubs que constituem a novel Liga Argentina de football, que adheriram ao profissionalismo, estão satisfeitos com o resultado da implantação do profissionalismo, pois a concorrencia dos matches de domingo foi considerável, obtendo elles, grandes receitas. [...] A municipalidade, porém, já tomou na devida consideração o exito do profissionalismo, tanto assim, que cogita, já, de taxar os ingressos com o imposto de 5% sobre o seu valor...¹⁹.

Com os holofotes midiáticos e os investimentos financeiros direcionados ao profissionalismo, que foi aderido pelos principais clubes argentinos e pelos jogadores de maior renome, as disputas amadoras sofreram com a perda de público e de renda. Uma reportagem do *Jornal dos Sports* assim se manifestou em um dos subtítulos de uma manchete: “As rendas dos jogos entre amadores são ridículas”²⁰.

Em outro texto com conteúdo semelhante, a existência de uma estratégia de convencimento é mais explícita, presente na própria manchete: “Argumento em favor do profissionalismo no football: uma estatística eloquente”²¹.

¹⁶REIS, Miguel A. O 'passe livre' de footballers argentinos precipita a questão do profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 07 de mai. 1931, n.46, p.2.

¹⁷ FOI FUNDADA em Buenos Aires a Liga Argentina de Football Profissional. *Jornal dos Sports*, n.57, 20 mai. 1931, p.2.

¹⁸ CHANTECLER. Los temores de una división en el futbol se realizaron, *El Gráfico*, 23 de mai.1931, n. 619, pp.16-17, tradução dos autores.

¹⁹ OS IMPLANTADORES do profissionalismo na Argentina satisfeitos. E a municipalidade também. *Jornal dos Sports*. 03 de jun. 1931, n. 69, p.4.

²⁰ O PROFISIONALISMO pegou na Argentina. As rendas dos jogos entre amadores são ridículas. *Jornal dos Sports*. 23 de jun. 1931, n.86, p.4.

²¹ARGUMENTO em favor do profissionalismo no football. Uma estatística eloquente. *Jornal dos Sports*. 08 de nov. 1931, n.204, p.2.

Para os pessimistas, relativamente às vantagens do profissionalismo, recommendamos este pratinho: A Associação Amateurs, de Buenos Aires arrecadou, no decurso da presente temporada, até agora, a quantia de 9.000 pesos, resultado bruto de ingressos nos seus campos de football. A Liga de Profissionais, entretanto, no mesmo lapso de tempo, conseguiu realizar uma receita que passa de 1.000.000, leram bem? Um milhão de pesos. Menos, portanto, de um por cento! É ou não eloquente?²²

Motivações econômicas, fundadas em um projeto de modernização do futebol (DRUMOND, 2015), eram cada vez mais perceptíveis nas reportagens, embora as intenções capitalistas dos dirigentes não fossem explicitadas. A qualidade do espetáculo, nesse caso, assumia frequentemente a cena, como no seguinte trecho: “Esses comentários vêm a propósito da tendência do nosso público pelos jogos de sensação, que só os profissionais podem oferecer, com a exigência que as assistências reclamam”²³. O centro da argumentação residia, assim, na expectativa do público consumidor.

Por outro lado, o êxodo de jogadores era cada vez mais anunciado e temido. Uma reportagem trazia a seguinte argumentação:

[...] os laços estão em moda. Depois do laço vermelho das revoluções, veio o laço verde do football... Aquelle laço foi vermelho de ‘fogo’, este é verde de dinheiro... E como no football brasileiro, atrasadamente dirigido por atrasados cidadãos, não ha profissionalismo – o jogador de football é uma especie de cavallo de corrida. Quanto melhor sangue, mais dinheiro, mais milho, e depois um excellente pasto [...]. Enquanto isso, o ‘laço’ vae dizimando a nossa produção futebolística²⁴.

Com a afirmativa: “Somos um dos poucos países com adiantamento no ‘association’ que ainda não adoptou oficialmente o profissionalismo no football”²⁵, outro texto do *Jornal dos Sports* clamava pela regulamentação do regime.

Os jornais mineiros já acompanhavam, de muito perto, o incremento dos debates acerca da aceitação ou não da profissionalização no início da década de 1930. Amplos debates com os jornais cariocas foram construídos, permitindo um contato que se irradiava para outros planos, como o dos clubes e de seus administradores.

Quando em janeiro de 1933 anunciou-se, finalmente, a adesão ao profissionalismo por um grupo de clubes cariocas, o *Jornal dos Sports* publicou o seguinte questionamento: “os mineiros também aderirão”? O texto informava que um emissário da Liga Carioca de Football estaria em Belo Horizonte “tratando de assumptos allusivos ao profissionalismo”. Este emissário seria “um alto paredro do Fluminense” e teria feito, segundo a

²²*Idem.*

²³ O PROFISSIONALISMO para juizes e jogadores. O movimento de sympathia em favor dessa idéa ainda verde nos dominios da Metropole. *Jornal dos Sports*, 22 de mai. 1931, n.59, p.1.

²⁴ *Idem.*

²⁵ AMADORISMO e profissionalismo. *Jornal dos Sports*. 26 de nov. 1931, n.219, p.2.

reportagem, uma “proposta ao Palestra Italia²⁶, poderoso gremio da capital mineira, offerecendo-lhe cincoenta contos de auxilio para o inicio da regulamentação”²⁷.

Antes mesmo da oficialização no Rio de Janeiro houve uma profusão de notícias no *Estado de Minas*, em princípios do ano de 1933. A maior parte delas registrava o êxodo de jogadores para a capital do país e para o exterior. Minas Gerais já havia passado por situações semelhantes no início da década de 1930. O caso precursor foi o do jogador Nininho, que havia deixado as fileiras do Palestra Itália para compor a equipe da Lazio, na Itália, no ano de 1931. Outros jogadores, inclusive da mesma família de Nininho, “os Fantoni” (Ninão e Niginho), seguiram o rumo do primeiro palestrino, o que provocou grande reação no meio futebolístico local (MOURA, 2010).

A primeira edição do mês de janeiro de 1933 noticiava a duvidosa história de Carazzo, então centroavante do Villa Nova A.C. A reportagem questionava se o jogador, em visita à sua família em São Paulo, permaneceria naquela cidade ou voltaria à Nova Lima (município da região metropolitana de Belo Horizonte, sede do referido clube). O possível êxodo de jogadores como Carazzo era uma preocupação do *Estado de Minas*, que chegou a mencionar uma notícia publicada na *Gazeta de São Paulo*.

Carazzo não mais voltará a Bello Horizonte? [...] Hontem, lemos na ‘Gazeta de São Paulo’ a nota abaixo, a respeito da chegada do ‘perigo louro’ á Paulicéa, tópico esse que diz ser certa a volta do conhecido avante aos campos paulistas: ‘- Acaba de regressar de Bello Horizonte, onde esteve residindo durante alguns annos, o ex-centro avante do Palestra, Carazzo, que, segundo soubemos, não pretende mais deixar nossa capital’. Carazzo foi, durante o tempo de sua actuação em Minas, um dos mais perfectos avantes daquelle Estado, tendo muitas vezes sido elemento de destaque na seleção local. No anno passado correu o boato de sua transferencia para o S.Paulo F.C., mas o ex-campeão do 2º quadro alviverde preferiu ficar em Bello Horizonte. Agora, porém, regressou para a voltar a jogar, novamente, em nossas ‘canchas’²⁸.

Em outra edição, os ordenados recebidos pelos jogadores do Racing Club de Buenos Aires eram evidenciados. Mencionava-se salários de 1.5000\$000; “isso não levando em conta as gratificações e conducções”²⁹. O River Plate também entraria em cena. A ênfase, neste caso, centrava-se na renovação do contrato de um de seus jogadores, o atacante Pencelle: “No momento em que o ‘foward’ do River Plate assignou a inscripção recebeu a quantia de 36.000\$000. O ordenado mensal de Pencelle é de 2.000\$000, afora as conducções e os clássicos 50 pesos por cada jogo”³⁰. Os valores eram considerados exagerados para a época, tanto na Argentina, quanto no Brasil.

²⁶ A partir de 1942, Cruzeiro Esporte Clube.

²⁷ AMADORISMO e profissionalismo. *Jornal dos Sports*. 26 de nov. 1931, n.219, p.2.

²⁸ FUIROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 01 de jan. de 1933, n. 1236, p.10.

²⁹ OS JOGADORES que maior ordenado perceberam do Racing Club... *Estado de Minas*, 01 de jan.1933, p.10.

³⁰ RENOVOU o seu contracto pelo River Plate... *Estado de Minas*, 01 de jan. 1933, p.10.

Sobre o êxodo de jogadores brasileiros, o jornal mineiro replicaria uma notícia publicada pelo periódico de São Paulo, *A Gazeta*. O texto, destinado a informar um rumor acerca da ida de mais jogadores paulistas para o exterior, exclamava: “Será possível?!... – Cerca de duas dezenas de jogadores paulistas que se tornarão profissionais no Rio e no Prata?”³¹.

O impacto gerado pela situação paulista perderia o enfoque com o crescente assédio de jogadores mineiros por clubes cariocas. Os casos mais emblemáticos e mais destacados seriam os dos jogadores Brant, Said, Nariz, Mário de Castro e Mário Gomes, importantes atletas mineiros que foram convidados a ingressar nas fileiras do Fluminense. Várias reportagens do *Estado de Minas* foram dedicadas a noticiar as negociações e as manobras das “sereias do profissionalismo”, denominação dada aos emissários dos clubes que garimpavam atletas. Outra reportagem enfatizava: “O profissionalismo, há pouco implantado no futebol carioca, não quer deixar nossos ‘cracks’ em paz. Inúmeros são os jogadores que já receberam propostas para abraçar o futebol remunerado”³².

Em um primeiro momento, o preocupante êxodo de jogadores convivia com certa desconfiança de se implantar o regime profissional em Minas Gerais. Algumas reportagens publicadas no jornal *Estado de Minas* sinalizavam certa impossibilidade e até desinteresse. Nesta perspectiva, o referido impresso resolveu lançar uma enquete: “Praticável a implantação do profissionalismo no nosso futebol”³³? A pergunta vinha acompanhada de uma primeira impressão do próprio jornal, que antes mesmo de coletar as opiniões dos esportistas, já afirmava ser impossível a adoção do regime em Minas.

Temos ótimos jogadores, que equivalem aos mais peritos do Rio e S.Paulo, e também bons quadros. O público é que não é o mesmo e reside aqui o ponto fundamental, para nós, da questão. Havendo pouco público, as rendas não podem ser grandes e a manutenção do regime profissional torna-se impossível [...]”³⁴.

O primeiro esportista a responder a enquete foi Affonso Paulino, ex-presidente do Atlético. Seus primeiros argumentos corroboravam a opinião manifestada no impresso: “Os nossos clubes não comportam definitivamente essa medida. Bello Horizonte não tem ainda um público numeroso, que possa acorrer às despesas do profissionalismo”³⁵; [...] ele contribuirá para a falência do nosso futebol”³⁶.

O presidente do América Futebol Clube, Clóvis Pinto, também manifestaria opinião semelhante: “Não temos renda para profissionais, não temos ardor pelo profissionalismo e por fim, não temos necessidade de profissionais”³⁷.

³¹ FUIROS, boatos e novidades. *Estado de Minas*, 21 de jan. 1933, p.6.

³² NARIZ em Uberaba. *Estado de Minas*. 10 de fev. 1933, p.6.

³³ PRATICÁVEL a implantação do profissionalismo no nosso futebol? *Estado de Minas*. 22 de fev. 1933, p.8.

³⁴ *Idem*.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ COMO o presidente americano responde a Marcelo... *Estado de Minas*. 23 de fev. 1933, s.p.

Entretanto, no mês seguinte à proposição da enquete, as opiniões começariam a mudar. Uma reportagem se dedicaria a enumerar problemas na organização do futebol amador de Belo Horizonte. Atrasos para o começo dos jogos, que chegavam a duas horas em relação ao horário previsto; árbitros escolhidos de última hora; e a frequente atitude dos clubes em abandonar o campo, “deixando a assistência na mão”, foram algumas das situações mencionadas. O texto questionava: “[...] que se poderá concluir dos nossos pretensos amadores”³⁸? Naquele momento, já se podia perceber uma inversão discursiva que impugnaría as vantagens do amadorismo. Outro trecho da mesma reportagem ainda traria mais elementos para se compreender as mudanças de enfoque:

[...] todos as nossas observações tem um proposito muito claro e bem elevado, zelar pela moral do nosso esporte: engrandecel-o aos olhos dos nossos dois grandes centros – S. Paulo e Rio – para que depois não se diga que nós, desportistas mineiros, só sabemos applaudir em um campo de futebol – sururus, pescoções e caneladas³⁹.

A reportagem também assinalava a exportação de jogadores brasileiros: “Do Rio, de São Paulo, do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. Innumeros são os futebolistas que tem abraçado o profissionalismo em terras estrangeiras”⁴⁰. O texto propunha a implantação do futebol remunerado como forma de se evitar o êxodo de “cracks”. No entanto, a centralidade da notícia se deslocava para a alta renda do jogo realizado entre os quadros de profissionais do Vasco da Gama e do América do Rio, “a maior desses últimos tempos em partidas amistosas”. Segundo a publicação, o jogo havia ocorrido em um ambiente de destacada disciplina, que contou com o “entusiasmo do público”. O jogo de profissionais foi mencionado como uma “nova phase de progresso do esporte brasileiro”; “a inovação do nosso futebol”; a “victoria do profissionalismo no Brasil”. O texto ainda destacava: “[...] o povo compreendeu bem a finalidade com que surgiu a entidade profissional”⁴¹.

Assim, com o passar dos meses e, sobretudo, com a constatação da lucratividade que o torneio de profissionais no Rio de Janeiro possibilitava, percebe-se uma mudança argumentativa importante. Editores do *Estado de Minas* e dirigentes de alguns clubes, dentre os quais se destacava o Atlético Mineiro (especialmente na figura de seu presidente, Tomaz Naves) passaram a posicionar-se fortemente a favor do profissionalismo, destacando edição após edição, as suas possíveis vantagens. Nesse cenário, o presidente do América, que ainda se mantinha contrário ao novo regime, foi várias vezes criticado em reportagens do referido jornal. Em um dos textos lia-se: “[...] É esse, positivamente, um desserviço que o presidente americano quer prestar ao esporte, impedindo-o de progredir, forçando-o a permanecer na rotina em que caminha, a retrogradar”⁴².

³⁸ ESTADO de Minas, 29 de mar.1933, p.8

³⁹ *Idem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² O SR. CLOVIS Pinto promoverá uma reunião... Estado de Minas. 27 de abr. 1933, p.8.

O trecho que se segue é bastante representativo da rápida mudança de opinião do periódico (de janeiro a março) acerca da implantação do regime profissional.

[...] O profissionalismo só tem vantagens. Para a torcida oferecerá exhibições de um futebol forçosamente superior. O regimen a que terão de submeter-se os ‘cracks’ a presença dos ensaios obrigatórios acarretarão maior ajuste das linhas de ataque e de defesa dos quadros. As penas a que terão de sujeitar-se em seu próprio beneficio, e que não visa ser sinão moralizar o futebol, evitarão os ‘sururus’ e todos esses outros aborrecimentos que constituem fundado desejo do publico nas vésperas dos jogos. Pergunte-se a qualquer torcedor si prefere assistir a uma partida regular em todos os sentidos disputada por profissionaes, ou a uma cheia de incidentes desagradáveis, em que competem amadores e, o mais das vezes falsos amadores... Em resumo, somos de opinião que si as ‘demarches’ obedecerem a uma orientação segura, se chegará a um bom termo essa campanha profissionalista já iniciada. E por que não se haverá de leval-a ao fim, já que tem finalidades tão nobres?⁴³

Diante da forte campanha em prol do regime profissional, a contrariedade do clube americano se manifestou até o momento em que os outros principais clubes mineiros resolveram, de fato, aderir às ações do Atlético e implantar o profissionalismo no estado, em uma reunião realizada na casa do presidente Tomaz Naves. No intuito de não provocar uma nova cisão no futebol mineiro e “quebrar a harmonia do esporte”⁴⁴, o América resolveu aceitar o regime, implantado em Minas Gerais em 31 de maio de 1933⁴⁵.

O movimento que ocorria em solo mineiro ganhou destaque no periódico carioca *Jornal dos Sports*, como se pode observar na seguinte produção:

[...] As ultimas noticias recebidas de Bello Horizonte são as mais optimistas possiveis no tocante á adhesão do adiantado centro sportivo ao profissionalismo. O movimento, apoiado de princípio apenas pelo C.A. Mineiro e depois pelo Palestra, alastrou-se de tal forma que afinal, na noite de segunda-feira ultima, tornou-se integralmente victorioso por ocasião de uma reunião de realizada nesse dia [...].De accordo com o entendimento firmado entre Athletico, Palestra, e a Liga Carioca, confirmando em officio desta, os clubs mineiros jogarão partidas no Campeonato Brasileiro [...]⁴⁶.

⁴³*Idem.*

⁴⁴ A RENUNCIA da directoria do America. Estado de Minas. 2 de jun. 1933, p.6.

⁴⁵ Ao contrário do C.A. Paulistano, da cidade de São Paulo, o América, mesmo sendo discordante do novo regime, resolveu aderir ao formato profissional e não abandonar o futebol. Uma pesquisa mais aprofundada, nesse caso, poderia ser interessante no intuito de verificar a permanência do clube mineiro, já que, assim como o clube paulistano, o América também possuía departamentos de outras modalidades esportivas as quais poderia se dedicar. Em se tratando do caso do Paulistano, ver a tese: “O jogo da distinção: C.A Paulistano e Fluminense F.C – Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-1933)” (FERNANDEZ, 2016).

⁴⁶ TAMBÉM Minas implanta o profissionalismo. *Jornal dos Sports*, 2 de jun. 1933, n.684, p.6.

As reportagens procuravam demonstrar algumas das características atribuídas ao profissionalismo por parte dos clubes que aderiram ao movimento e da imprensa. O regime moralizador, supostamente capaz de modificar as relações desonestas existentes no meio esportivo, era vinculado a predicados vanguardistas, inovadores. O estado de Minas Gerais, ao aderir à proposta, foi mencionado como “adiantado centro esportivo”. A manutenção do *status* de terceiro núcleo do esporte brasileiro, tão alardeado pelos impressos mineiros, sofreria abalos caso o jogo não acompanhasse as resoluções de Rio de Janeiro e São Paulo, à reboque de uma evidente tendência internacional.

Da euforia à frustração: “Minas será celeiro eternamente”? - A edificação do Mineirão como redenção do povo mineiro

Ao que indicam as reportagens do *Estado de Minas* e também do jornal mineiro *A Tribuna*, a consolidação do regime profissional em Belo Horizonte não seria tarefa fácil. As recentes transformações do jogo trariam questões que, se não eram de todo inéditas, ao menos demandariam novas estratégias de abordagem. Problemas se intensificavam à medida que as demandas do profissionalismo aumentavam e abarcavam novas necessidades. O “enterro” do amadorismo pelos grandes clubes significava progresso, mas também a adequação a uma nova realidade e a consecução de novas atitudes.

Pode-se inferir que a alteração rápida de regimes, capitaneada por uma repentina mudança de opinião do jornal *Estado de Minas* e de alguns clubes, especialmente o Atlético, possui relação com o vislumbre dos lucros gerados no cenário profissionalista carioca. Logo após o impresso noticiar o alto valor das rendas dos jogos e a adesão do público como uma vitória do novo regime no Rio de Janeiro, houve uma mudança expressiva no enfoque dado ao contexto mineiro, com uma proliferação de reportagens favoráveis à profissionalização. Além da preocupação com o êxodo dos craques, o novo mercado que emergia e se mostrava vantajoso modificou todo o aparato discursivo em pouco tempo.

O jornal *A Tribuna* também dedicaria inúmeras de suas páginas no intento de problematizar situações que aconteciam no recém-criado regime, destacando mudanças e permanências em relação ao período amador. Uma das reportagens chegou a questionar onde estaria a tão apregoada melhoria de padrão do futebol com o advento do profissionalismo⁴⁷. Várias foram as menções críticas, enaltecidas em frases do tipo: “[...] tempos de corrida atrás do dinheiro é muito mais séria que atrás da bola [...]”⁴⁸; “[...] mas agora os tempos são outros e outros os amores”⁴⁹; “dedicações que não se compram mais com homenagens e palavras de affecto”⁵⁰; “as medalhas de fim de ano foram substituídas pela moeda de todo dia”; “hoje um clube é um

⁴⁷ EM POUÇAS linhas. *A Tribuna*. 22 de agost. 1933, n.111, p.5.

⁴⁸ AS FORÇAS que triumpham. *A Tribuna*. 07 de set. 1933, n.126, p.5.

⁴⁹ EM POUÇAS linhas. *A Tribuna*. 18 de agost. 1933, n. 108, p.5.

⁵⁰ EM POUÇAS linhas. *A Tribuna*. 23 de agost. 1933, n.112, p.5.

estabelecimento que explora um negócio”⁵¹, “[...] e o vínculo do interesse é o dinheiro, até que a moeda seja extinta”⁵².

Como abordado, uma das justificativas utilizadas por dirigentes de clubes e por setores da imprensa para incentivar a adesão ao profissionalismo em Minas Gerais era a possibilidade de evitar o êxodo de jogadores mineiros para outras cidades e outros países que já haviam aderido ao regime. O medo de ser perder os “cracks montanhese” foi um dos argumentos utilizados nas páginas dos impressos. O raciocínio parecia simples: se o profissionalismo fosse implantando em Minas Gerais, os atletas deste estado não precisariam deixar sua terra para buscar benefícios financeiros em outros lugares.

No entanto, a “Minas Gerais profissional” não conseguia fazer frente aos centros esportivos do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outros países. Ou seja, os salários e benefícios oferecidos pelo estado mineiro estavam muito aquém de outras localidades, fato que tornou insuficiente a tentativa de reter os craques.

No regime profissionalista, salvo casos raros, vence o mais rico, o mais poderoso, o que pode oferecer e realmente oferece maiores vantagens. Ora, dispondo os gremios sociais da Guanabara e da Paulicéa de corpos sociais mais numerosos e rendas bem mais altas nos seus jogos eram eles, por consequencia, os indicados para vencer a competição com os clubes mineiros [...]”⁵³.

Algumas reportagens até revelavam certo orgulho pelo fato de os jogadores mineiros serem preferidos pelos clubes das duas cidades supracitadas, como se essa eleição fosse um atestado da qualidade do futebol em Minas Gerais: “Evidentemente, o futebol mineiro caminha a passos largos para sua equiparação ao dos paulistas e cariocas. [...] O velho futebol que cada vez progride mais no Brasil e especialmente em Minas, verdadeiro celeiro de craques”⁵⁴.

Rio de Janeiro e São Paulo sempre se constituíram em referências para Belo Horizonte, desde a sua fundação em 1897. Não é algo difícil de compreender, pois quando a nova capital mineira foi criada, estas duas cidades já eram consideradas os principais polos econômicos, políticos e culturais do país. Os parâmetros de referência se refletiam nas mais variadas situações, desde a estrutura física da cidade aos costumes de seus moradores. Desejava-se, explicitamente, que Belo Horizonte se acercasse da “modernidade” vislumbrada naquelas localidades e em outros países, e a tentativa de formação de uma “cidade esportiva” fez parte desta aspiração.

Entretanto, a admiração dos progressos futebolísticos de Rio de Janeiro e São Paulo e o orgulho por Minas se constituir em um importante centro de formação de craques começavam a gerar atritos. Nesse caso, o intento de se alcançar o desenvolvimento das duas capitais não se

⁵¹ *Idem.*

⁵² *Ibidem.*

⁵³ O SCRATCH dos cracks mineiros que atuam no Rio e em São Paulo. Diário Esportivo. 13 de set. 1945, n.8, p.10.

⁵⁴ DEFEITOS e atrações de nossos cracks. Diário Esportivo. 23 de mai.1946, n.39, p.4

expressava tanto mais no orgulho de exportação de jogadores, mas na capacidade de retê-los em Minas Gerais.

A reportagem intitulada “Quando alcançaremos Rio e S. Paulo”⁵⁵ é bastante representativa para ilustrar esta situação. O texto se impunha de forma categórica: “precisamos reter os nossos craques”. Criticava-se a falta de condições do estado mineiro em manter seus jogadores, devido aos altos custos do profissionalismo.

Nosso grande drama, entretanto, tem sido a exportação dos craques que aqui forjamos. Não devemos e nem podemos indefinidamente bancarmos o celeiro que Rio e São Paulo tanto utilizam. Mas não poderemos também reter os craques prejudicando-os financeiramente. O que precisamos é oferecer tanto ou mais que Rio e S. Paulo oferecem. Então sim, sem constrangimento, os nossos craques preferirão as nossas camisas⁵⁶.

Outro artigo abordava o mesmo tema, afirmando que “através dos tempos, Minas tem sido o grande celeiro do futebol nacional”, seja com “material exportado diretamente daqui”, seja “com os cracks que do interior tem ido para Rio e São Paulo”. E assim, lamentava-se: “vamos ficando com as ‘sobras’, com os ‘cracks’ que, por algum motivo ou por outro, ficaram conosco”⁵⁷.

Em um texto publicado pela revista *Vida Esportiva*, no final de 1949, o problema se manifestava novamente. Minas Gerais foi citada como a “eterna vítima das negociatas escabrosas”⁵⁸. A “fuga intermitente de valores de alta expressão” era compreendida como agravante do quadro de problemas enfrentados pelos clubes do estado (baixo nível técnico dos conjuntos, rendas fracas e insuficientes e alto padrão de luvas).

Com o advento do profissionalismo, quando mais profundamente se fez sentir o valor pessoal do atleta, continuou o nosso Estado a ser o mesmo ‘torrão’ inesgotável de craques, sofrendo continuamente a ação direta dos maiores centros, desejosos de selecionar, pelo dinheiro e outras vantagens materiais, o plantel de valores que lhes possibilitassem a hegemonia do futebol pátrio [...]. Nem mesmo a implantação em seu meio do regime do profissionalismo, conseguiu impedir a fuga dos principais atletas, interessados nas melhores vantagens oferecidas pelos cariocas e paulistas⁵⁹.

O mesmo periódico possuía uma coluna publicada continuamente chamada “cracks que se foram”, dedicada a relatar os jogadores mineiros que haviam partido para outras cidades. Ao final do texto, a lamentação do jornal frente a tal situação se traduzia nas seguintes palavras: “Paupérrimo

⁵⁵ QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.4.

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ CARNEIRO, Januário. Estrelas no futebol. Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.5.

⁵⁸ RETENÇÃO de valores. Vida Esportiva, dez.1949, n.14, p.5.

⁵⁹ *Idem*.

futebol mineiro! Triste e desamparado, vazio de atrativos e transbordante em problemas cruciantes e... insolúveis. Pobre e pacato futebol mineiro”⁶⁰.

Um dos maiores problemas mencionados era a pouca arrecadação dos jogos e isto se devia, dentre outras circunstâncias, à falta de amplos estádios onde pudessem concorrer grandes públicos. A criação de um estádio municipal ou estadual era compreendida como a maior solução para se resolver os problemas: “Sim! Não há a menor dúvida! Minas Gerais precisa de um Estádio. Se tivermos Estádio teremos renda e com rendas estarão remediadas todas as nossas dores de cabeça!”⁶¹. Os três principais clubes de Belo Horizonte possuíam seus próprios estádios, mas estes não eram considerados suficientes para abrigar grandes públicos e proporcionar vantajosas rendas até meados da década de 1940.

Passou a época dos sonhos e das promessas vãs. Precisamos ver é realizações e fatos! Nós sabemos que com nossos recursos nada poderemos fazer. É-nos impossível repetir o exemplo do Vasco da Gama que, com seus próprios recursos, levantou esse monumento que é o colosso de S. Januário. Precisamos dos poderes públicos! Precisamos dos terrenos da Prefeitura, precisamos das obras do Estado! Quando isso se der alcançaremos Rio e S. Paulo. A nossa inferioridade é apenas financeira. O Estadio trar-nos-a o dinheiro com que nos igualaremos. Temos publico e temos futebol! Veremos então Minas ombreando-se com Rio e São Paulo e ocupando o lugar na vanguarda que por reais merecimentos deve pertencer-lhe⁶².

Nos anos de 1948 e 1949, dois estádios foram reformados em Belo Horizonte: o do América (Estádio Otacílio Negrão de Lima) e o do Cruzeiro (Estádio Juscelino Kubitschek), respectivamente. Ambos possuíam uma capacidade aproximada para quinze a vinte mil torcedores e foram noticiados à época como grandes empreendimentos em favor do progresso do futebol mineiro. No torneio inaugural⁶³ do estádio do América, em 1948, foi anunciado um recorde de arrecadação em Minas Gerais: CR\$ 304.265.00⁶⁴.

Após a construção desses estádios, erigiu-se o Estádio Independência no ano de 1950, de propriedade do clube Sete de Setembro. O estádio foi uma das sedes da Copa do Mundo de Futebol do mesmo ano, com capacidade de público prevista para vinte e cinco mil pessoas. A sua construção pode ser percebida como outra possibilidade arquitetônica (mais antenada com uma nova ordenação de estádios que começavam a ser inaugurados a partir dos anos 1940), articulada com um discurso que trazia à reboque a necessidade de uma lógica que propunha grandiosidade, concretude (literalmente algo construído com base no concreto armado) e monumentalidade moderna (uma outra modernidade, mais potente e ampliada).

Os discursos ressoantes da imprensa deixavam evidente a necessidade de um grande estádio em Belo Horizonte. Quando em maio de 1948 é anunciado o apoio do poder público municipal para garantia

⁶⁰*Ibidem.*

⁶¹*Ibidem.*

⁶² QUANDO alcançaremos Rio e S. Paulo? Diário Esportivo. 11 de out.1945, n.12, p.4

⁶³ O Torneio Quadrangular foi disputado por América, Atlético, Vasco e São Paulo.

⁶⁴ AMÉRICA E Atlético, os vencedores. América. Jun.1948, n.2, p.18.

financeira que possibilitaria a reforma dos estádios dos principais clubes da capital, além da construção do estádio Independência, torna-se notório o entusiasmo dos desportistas locais, associando o fato à redenção do futebol mineiro. Assim descrevia a nota do *Estado de Minas* em alusão ao ocorrido:

Temos hoje a notícia que realmente merece ser qualificada de importante para a vida e o desenvolvimento dos esportes nesta Capital. Soluciona-se o imperioso problema dos estádios dos nossos quatro clubes: Clube Atlético Mineiro, América Futebol Clube, Cruzeiro Esporte Clube e Sete de Setembro de Futebol e Regatas. A boa nova vem-nos da Municipalidade e só poderia ser dada por esse administrador de larga visão, por esse esportista de superior linhagem que é o Dr. Octacilio Negrão de Lima, em consonância com o presidente da Câmara, padre Cir Assunção e dos vereadores da cidade. Por muitos motivos – e principalmente pela razão que acima apontamos – o dia de hoje é de júbilo para todos os clubes e para todos os esportistas. [...] Chegou finalmente o dia dos esportes. É claro que a ação do governador da Capital deveria fazer-se atuar no centro vital do problema. Faltam-nos estádios. Se o povo aprecia o esporte e para comparecer aos “meetings” atléticos pede ao menos relativo conforto, dê-se ao povo os estádios que exige, com o maior conforto⁶⁵.

No entanto, a construção de um estádio público só se efetivaria em 1965, com a conclusão das obras do Mineirão (Estádio Governador Magalhães Pinto)⁶⁶, na região da Pampulha. Erguido com verba estadual, o declamado “Gigante da Pampulha” foi, de fato, o primeiro empreendimento capaz de abrigar grandes multidões. A previsão inicial era de cem mil espectadores. Novamente repetia-se o discurso da importância de um grandioso estádio para a recuperação da força do espetáculo futebolístico na cidade (isto em menos de 10 anos após a inauguração do Estádio Independência). Minas ainda se ressentia da falta de uma praça esportiva que fizesse frente ao Pacaembu e ao Morumbi (em São Paulo) e, principalmente, ao Maracanã, no Rio de Janeiro. Era fundamental, então, que a cidade e o estado possuíssem um estádio que pudesse garantir grandes rendas, evitar a evasão dos principais jogadores para o futebol paulista e carioca, e ainda projetar o nome de Minas Gerais para o restante do Brasil e do mundo.

Este entendimento é explicitado em uma reportagem do jornal *Diário da Tarde*, em que a construção do Mineirão é vista em uma perspectiva redentora do desenvolvimento e evolução definitiva do futebol mineiro:

A construção de um grande estádio em Minas Gerais é um sonho que vem sendo acalentado há muitos anos, é um empreendimento reivindicado de longa data pelos homens do esporte. Sabemos todos nós que a construção do Pacaembu, em São Paulo, e Maracanã, no Rio de Janeiro, veio dar um alento novo ao futebol daqueles dois importantes centros. Até o advento daqueles estádios, as rendas eram baixas, viviam os clubes cariocas e paulistas em aperturas

⁶⁵ ESTADO de Minas. Belo Horizonte, p. 4, 26 mai. 1948.

⁶⁶ O primeiro nome dado foi “Estádio Minas Gerais”, mas perdurou por poucos anos.

financeiras. Depois, com as grandes arrecadações, novos horizontes foram abertos àqueles clubes. Acredito que o mesmo acontecerá em Minas Gerais. Quando tivermos uma praça de esportes condizente com o nosso progresso, o nosso esporte entrará em fase de incontrolável evolução⁶⁷.

Uma crônica de João Saldanha fornece uma importante dimensão da representatividade do Mineirão na configuração do cenário futebolístico nacional. Ainda assim, o cronista carioca aponta aspectos que, aliados a um estádio grandioso, seriam condicionantes fundamentais para o desenvolvimento do espetáculo esportivo, notadamente questões relativas ao mercado e ao profissionalismo.

Uma obra audaciosa em todas as dimensões é agora inaugurada. Evidentemente, um estádio para cem mil pessoas, numa região que agora agrupa cerca de setecentos mil habitantes, tem objetivos e planos grandiosos [...]. Belo Horizonte tem todas as condições para manter sempre em alto nível seu grandioso campo de futebol. O público da capital mineira sempre prestigiou os grandes espetáculos e, sobretudo, Minas Gerais foi sempre um celeiro de grandes craques. Agora pergunta-se: estarão estas condições, no momento, em pleno vigor? A resposta não é positiva. As condições existem. Mas estão apenas em potencial. [...]. Sem uma reforma radical na estrutura do futebol mineiro e brasileiro acontecerá fatalmente o indesejável: o Estádio Minas Gerais será grande demais para os atuais espetáculos futebolísticos de Belo Horizonte. Mas, ao reivindicar e exigir agora a participação conjunta em campeonatos ou torneios com Rio de Janeiro e São Paulo, no interesse de todos estes centros, o Estádio Minas Gerais estará cumprindo sua finalidade. Com competições de alto nível, os craques do celeiro mineiro ficarão em casa. Os Pelês, Helenos, Perácios e centenas e centenas de outros não necessitarão de emigrar para ganhar de acordo com suas possibilidades. Penso que é uma advertência muito séria ao futebol mineiro, o fato de que uma quantidade muito grande de jogadores jovens saem de sua terra e vão diretamente para o Rio e São Paulo, tentar a sorte no futebol. Talvez poucos saibam, por exemplo, que na equipe juvenil do Botafogo, tetra-campeã da categoria, a maioria de elementos vieram diretamente do futebol mineiro, ou por ali passaram apenas de raspão sem sequer se tornarem conhecidos. A solução deste problema será também um grande fator de nivelar o futebol mineiro com seu magnífico Estádio. É lógico que uma coisa conduz à outra: a participação dos grandes clubes de Belo Horizonte em competições com os grandes do Rio e São Paulo elevará o poderio dos clubes locais e permitirá a manutenção dos craques em sua própria casa. O Estádio já está pronto. E o resto?⁶⁸

Trinta e dois anos após a implantação do profissionalismo e da veiculação entusiástica de suas vantagens, pode-se dizer que somente com a inauguração do Mineirão houve, de fato, a aproximação da tão desejada e

⁶⁷ DIÁRIO da Tarde. Belo Horizonte, p. 7, 03 ago. 1962.

⁶⁸ FOTO Esporte n. 9. Belo Horizonte, p. 17, julho-agosto/1965.

intangível modernidade futebolística por Minas Gerais e por Belo Horizonte, simbolizando, naquele instante, um monumento à altura dos anseios dos futebolistas locais, o que tornou possível o desejo de se acercar da idealizada estrutura para um futebol cada vez mais espetacularizado, mercantil e “moderno”.

Considerações Finais

Percebe-se como evidente a tentativa de Minas Gerais de perseguir o ideário esportivo que habitava as principais capitais do país, Rio de Janeiro e São Paulo. Na intenção de assumir o terceiro posto da força futebolística brasileira, os mineiros intentavam replicar as experiências que se davam naqueles espaços. A profissionalização precoce (com o objetivo de acompanhar as duas cidades supracitadas e, conseqüentemente, países como Argentina e Itália) foi acompanhada por momentos de euforia, esperança e frustração. Este último sentimento fez-se notável quando os clubes belo-horizontinos perceberam que ainda lhes faltava muito em termos de estrutura para competir no novo mundo do futebol profissional. As reformas dos principais estádios, bem como a construção de outros dois importantes e grandiosos, com destaque para o Mineirão, exemplificam este novo momento, onde o profissionalismo dava o tom e ditava as regras.

Assim, e por fim, destacamos a importância de estudos complementares que possibilitem a ampliação do cenário e, por conseguinte, de debates que apresentem relações entre a adoção do profissionalismo, o fomento de um mercado consumidor e a criação de estádios.

Referências

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y patria*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DRUMOND, Maurício. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. O “dissídio esportivo” e o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro (1933-1937). In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Morais (Orgs.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015, pp. 73-91.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *O jogo da distinção: C.A Paulistano e Fluminense F.C – Um estudo da construção das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1901-*

1933). Tese [Doutorado em História, Política e bens culturais]. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FRYDENBERG, Julio. *História social del fútbol: del amateurismo a la profesionalización*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

MOURA, Rodrigo Caldeira Bagni. *O amadorismo, o profissionalismo, os sururus e outras tramas: o futebol em Belo Horizonte nas décadas de 1920 e 1930*. Dissertação [Mestrado em Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira. *O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940*. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. *A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)*[dissertação]. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional; 2010.

_____. *Do Prado ao Mineirão. A história dos estádios na capital inventada*. Tese [Doutorado em Estudos do Lazer], Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG, Belo Horizonte, 2017.